

# Trinta anos depois: ideologia curupira

*Thirty years later: curupira (jungle legend) ideology*

**Gilberto Felisberto Vasconcellos\***

*Recebido e aprovado em julho de 2010*

---

**Resumo:**

Este artigo trata da minha tese de doutorado sobre a especificidade do discurso Integralista no Brasil dos anos 30, em cujo contexto social e político não havia a ameaça da classe operária tal qual ocorreu na Alemanha e na Itália. Por isso o discurso dos integralistas se situa na reprodução assimétrica típica de sociedade colonial e atrasada, sendo ao mesmo tempo uma resposta equivocada e reacionária ao domínio imperialista com uma burguesia nativa desprovida de vocação autônoma.

---

**Palavras-chave:**

Integralismo; Fascismo e Periferia Capitalista

---

**Abstract:**

This article comes from my doctoral thesis about the specificity of the Integralist discourse in 1930s Brazil, whose social and political context did not hold the threat of the working class such as occurred in Germany and Italy. Thus the discourse of the Integralists is situated in the asymmetrical typical of a colonial and backward society, while also being a misguided and reactionary response to imperialist domination with a native bourgeoisie lacking a vocation of their own.

---

**Keywords:**

Integralism; Fascism and Capitalist Periphery

Meu ponto de partida foi menos a discussão sobre a teoria e a prática do fascismo em geral do que a explicação dos motivos pelos quais o Integralismo nasceu influenciado por algumas correntes do modernismo literário paulista: Anta e Verdeamarelismo. Isso porque o que eu lia e admirava eram os escritores modernistas, sobretudo Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Raul Bopp, e não os escritos

---

\* Professor Doutor pela Universidade de São Paulo. Membro do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: gilbertovasconcellos@yahoo.com.br

integralistas, dos quais eu não tomei conhecimento até o exato momento em que eu escolhi o tema de minha tese, e confesso que era um tédio lê-los, o que eu fazia com enorme dificuldade, mas também com o intuito de contribuir para o estudo do totalitarismo, da ditadura, do autoritarismo, pois o Brasil vivia sob um regime ditatorial pós-64 quando eu comecei a escrever “Ideologia Curupira”, tanto é que escolhi para prefaciar o livro um autor marxista perseguido pelo golpe de 64, aposentado compulsoriamente em 1969, Florestan Fernandes, que havia sido mestre de Gabriel Cohn, o orientador de minha tese, que foi muito bacana comigo, dando-me toda a liberdade para escrevê-la, e que tinha certa afeição pelo meu livro “De Olho na Fresta”, sobre música popular.

Meu orientador, que era weberiano, não me impôs no entanto a leitura de Marx Weber, autor com quem não simpatizo até hoje. Meu objeto de pesquisa poderia ser situado na história das ideias, ainda que não admitisse a concepção de que as ideias tivessem desenvolvimento autônomo, desligadas dos interesses materiais e de classe social. Nesse sentido, meu quadro teórico foi moldado por Karl Marx, “A Ideologia Alemã”, e também pela psicanálise de Freud a Reich, digamos um pouco pretensiosamente: a abordagem das bases materiais do desejo fascista, ainda que em minha tese estivesse ausente o cineasta marxista Pier Paolo Pasolini, que filmou e escreveu sobre o prazer fascista, que não é uma aberração na sociedade capitalista industrial avançada, inclusive na Itália pós-Mussolini, a de Berlusconi, por exemplo.

Eu tinha 27 anos quando defendi minha tese, uma das teses mais juvenis da história da Universidade de São Paulo. E há uma circunstância curiosa para afastar a suspeita de “pistolão”, de “churrasco acadêmico”. Eu entreguei minha tese no guichê do departamento pessoal da universidade sem indicar os nomes dos professores que fariam parte da banca examinadora. Quem o fez, a minha revelia, foi o chefe do departamento, Luiz Pereira, que era um especialista muito sério em teoria do desenvolvimento. Ele indicou para a banca Hélgio Trindade, Maria Helena Chauí, Leoncio Martins Rodrigues e Carmuchi, não me lembro agora do nome dela, apenas do apelido, professora de política que está morando nos EUA há uns 25 anos. Nunca mais ouvi falar da simpática e afável Carmuchi. Hoje, examinando politicamente, a banca era formada de professores que se tornaram depois petistas e tucanos. Não havia nenhum brizolista, nenhum darcyriberiano oriundo da tradição nacionalista de Getúlio Vargas; aliás, nas ciências humanas e letras da USP nessa época era impossível encontrar um professor que fosse simpático a João Goulart e Leonel Brizola, as duas principais vítimas (junto com Darcy Ribeiro)

exiladas pelo golpe de 64 durante 15 anos. Essa tendência política e cultural não aparecerá em minha tese; o que aparece, por contraste, é a mal denominada “teoria da dependência”, que era capitaneada e promovida por FHC, cuja esposa, Ruth Cardoso, havia sido minha professora na graduação. E, nesse aspecto, vale chamar a atenção para o quanto o condicionamento social, político e cultural interfere na vida acadêmica e determina a tessitura interna das teses universitárias.

O que me chegava, a mim e a todos os meus colegas e professores, era o prestígio intelectual, já naquela época mistificado, de FHC, autor aposentado (tal qual Florestan Fernandes) pela ditadura, e que era cúmplice, senão o artífice, da sabotagem e ostracismo de autores marxistas que tematizavam a questão da dependência e do imperialismo na perspectiva anticapitalista e da revolução socialista, como André Gunder Frank e Ruy Mauro Marini. Eu, como tantos outros, li FHC como se estivesse contra a dependência do país, quando na realidade ele estava a favor da dependência, a fim de administrá-la e não de suprimi-la. O meu propósito era estudar o discurso Integralista como ideologia fascista sob o ponto de vista de sua recepção mimética e caricata em países colônias ou periferias. E, nesse aspecto, eu considero que de alguma coisa valeu minha contribuição, porque está lá explicitada a diferença entre o nacionalismo burguês e o nacionalismo anti-imperialista, sendo isso o que diferencia o nacionalismo de Plínio Salgado e o de Oswald de Andrade.

É preciso dizer alguma coisa sobre o título “Ideologia Curupira”, com referência ao marxismo (ideologia como falsa consciência e discurso ocultador da realidade), o vocábulo e o folclore, ou seja, curupira como o pai do saci-pererê, curupira como o primeiro duende da floresta dos trópicos. Claro que eu não tomei curupira na acepção ecológica, duende que protege a floresta contra o invasor branco depredador da natureza, o capitalismo anti-meio ambiente. Eu o tomei como uma fantasmagoria que recusa a ingerência do fator externo. Curupira é um corpo sem orifício, sem nenhum buraco, sem nenhuma fenda por onde pudesse ser penetrado, o que não deixa de ser um paradoxo para nomear o discurso Integralista, que é uma doutrina baseada no decalque dos fascismos europeus. O curupira Integralista recusava a influência estrangeira quando se tratava de oposição ao capital, mas não quando o lance era defender a propriedade privada, o lucro, a exploração do trabalho.

Eu estava menos interessado no fascismo propriamente dito do que na patologia da imitação cultural em um país que é satélite das metrópoles imperialistas. Hoje, se fosse reescrever minha tese, seguramente centraria a discussão em torno da abordagem de Leon Trotsky

sobre o fascismo e os países periféricos, abrangendo o período de 1930 a 1954, passando pela Segunda Guerra mundial, que terminou em 1945. Por que iria concentrar-me em Trotsky? É que a grande contribuição de Trotsky foi sua teoria marxista sobre o fascismo. Marx não conheceu o imperialismo. Esta fase do capital monopolista foi teorizada por Lênin em 1916, que morreu em 1924, enquanto Trotsky pensou e escreveu desde 1930 (antes de Hitler chegar ao poder) textos profundos sobre o fascismo como expressão do impasse do regime burguês, como uma potencialidade inscrita na sociedade capitalista na era do imperialismo, enfatizando a ideia de que o capitalismo (diferentemente do que supõem os liberais) não é a favor da democracia. Isso significa que, segundo Trotsky, a questão histórica que atravessa todo o século XX não é a opção entre fascismo (totalitarismo, autoritarismo) versus democracia. Basta reparar que é da doutrina liberal que medra o fascismo, os liberais dão respaldo a golpes de Estado que instalam as ditaduras. Por exemplo: o golpe de 64 no Brasil foi dado pelas forças democráticas dos EUA (Kennedy e Johnson), pela UDN mineira e pela Fiesp paulista, que hoje banca economicamente, junto com os jornais A Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, a candidatura de José Serra à Presidência da República.

Eu diria então que o marxismo do nosso tempo passa necessariamente pelo legado de Trotsky, que morreu assassinado no México por uma picareta na cabeça a mando de Stalin em 1940, porque Trotsky é autor de uma teoria que aborda o capital monopolista, o fascismo, a burocracia stalinista e a opressão do Terceiro Mundo, sem esquecer que dos clássicos do marxismo ele foi o único que conheceu e tematizou a América Latina, exilado no México em 1937, justamente no ano da implantação do Estado Novo no Brasil, que é por muitos estudiosos considerado um regime fascista, assim como o é a ditadura de 1964.

A palavra fascismo na atualidade ganhou um significado bastante elástico e polissêmico. Eu posso dizer que há um fascismo na televisão, na arquitetura das universidades, um fascismo do automóvel Pajero, dos shows de *rock and roll*, um fascismo do Vaticano, das igrejas universais do Reino de Deus, um fascismo da pornografia nos anúncios publicitários, etc. Mas o fascismo na década de 30 para Trotsky era caracterizado como expressão política de um capitalismo em delírio com uma crise na acumulação de capital, isto é, a tomada do poder pelos fascistas modificou as condições de reprodução do capital monopolista a favor das classes, embora como movimento de massa o fascismo tenha começado na Alemanha pela pequena burguesia. Trotsky escreveu: “nem todo pequeno burguês enlouquecido se transforma em Hitler, mas há um pouco de Hitler em todo pequeno

burguês enlouquecido”. Mas o interesse de classe do fascismo contra o proletariado, o marxismo, o comunismo não é o da pequena burguesia, e sim o do grande capital, que precisa destruir as organizações operárias e os sindicatos.

A análise de Trotsky sobre o nazismo na Alemanha, pregando a aliança dos comunistas e socialistas contra Hitler, era feita quando estava vivendo exilado na ilha de Prinkipo, na Turquia, de onde se encontrava impossibilitado de sair, não obstante sua vontade de estar na Alemanha. De Prinkipo à Noruega, Trotsky depois se exilou no México, onde refletiu sobre o fascismo e deu ênfase à questão do Terceiro Mundo, sobretudo a América Latina, em que o nazismo (Alemanha, Japão, Itália) não representava a força dominadora do imperialismo, e sim as potências imperialistas democráticas (EUA-Inglaterra), conforme ficaria escancarado com a Guerra Fria depois de 1945, com a repartição do mundo em áreas de influências. Nesse ano a derrubada de Getúlio Vargas e do Estado Novo foi acionada pelas forças e interesses do imperialismo democrático, e não pelo povo descontente com o ditador Vargas. A propaganda do cinema e rádio (as *pictures*) era uníssona: a vitória sob Hitler traria a democracia para os países periféricos. O que sucedeu depois de Vargas foi a democracia yô-yô-yô de Dutra abrindo o país para as multinacionais com a farra dos importados, que foi o prelúdio do neoliberalismo da dupla FHC e Serra.